

GUSTAVO HOMSI

*A mulher
do Bin Laden*



romance

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Gustavo Homsí

De São José do Rio Preto, aeromodelista apaixonado, Colégio Militar em Campinas engenharia mecânica de automóveis na FEI, civil na FEB.

Trabalha em grandes obras, bancos, conjuntos habitacionais, usinas de açúcar e barragens.

Faz série de viagens pela Europa, Escandinávia, EUA, Canadá e Cone Sul. Visita boa parte dos museus, catedrais, monumentos e eventos culturais importantes destes países.

Em Ihabela, projeta e executa trinta obras, casas e hotéis, várias publicadas na Revista Arquitetura e Construção.

Apaixona-se por mergulho, barcos, pesca e culinária.

Muda-se para Miami, continua com os projetos para o Brasil, cursa inglês na FIU.

Herda o Haras da família. Volta para a escola, pós-graduação, Especialista em Produção de Ruminantes pela ESALQ-USP, em Piracicaba. Dedicar-se ao melhoramento de cava-los Quarto de Milha e gado Nelbre. Compra um restaurante japonês. Escreve a coluna Amores e Sabores, sobre comportamento e gastronomia, para um jornal da cidade.

Atualmente, desenvolve vários projetos nas artes plásticas e na literatura.
homsj@outlook.com

GUSTAVO HOMSI



**A MULHER
DO BIN LADEN**

1ª edição

São Paulo
Gustavo Homsí
2012

A mulher do Bin Laden
By Gustavo Homsí
Published by Gustavo Homsí at Smashwords
© 2012 Gustavo Homsí

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

H754m 1Homsí, Gustavo, 1953 -
A mulher do Bin Laden / Gustavo Homsí;
revisão Tulana Oliveira.
São Paulo : Edição do Autor, 2012

ISBN 978-85-914195-2-4
1. Literatura Brasileira —Romance.
I. Título

CDD B869.3
CDU82-31

Esta é uma obra de ficção!

para Tulana
pelo incentivo, pela confiança e sobretudo pela paciência

Damasco

– Jorginho, meu filho – disse Zobaida. Você está falido. Quanto antes encarar isto, melhor. Seu tio verificou minuciosamente suas contas. Nós não podemos continuar ajudando você, seria uma injustiça com seus irmãos.

– Você ainda não foi executado. Liquide seu estoque e vá com sua família para o Brasil. Minha prima me disse que as coisas vão bem por lá. Graças a Deus, seu pai não está mais aqui. Será uma vergonha para a família, mas nós poderemos suportar.

– Lembre-se, você já fez todas as besteiras que podia fazer. Entregue o dinheiro que sobrar nas mãos de Samira e deixe que ela administre. Venha cá me dê um abraço.

Tupã

E assim se fez. Jorge Naffah, sua mulher Samira, seus filhos, Samirinha e Eli, o menorzinho, foram para o Brasil. Mais precisamente para Tupã, interior de São Paulo, onde morava a prima de Zobaida.

Logo perceberam que as coisas não iam tão bem assim. O marido morreu e a prima descobriu que a situação não era aquele mar de rosas. A duras penas, conservaram a casa no bairro nobre da cidade e tinham dificuldade para manter as aparências.

De qualquer forma, foram de grande ajuda, receberam os imigrantes em sua casa. Prestígio ainda tinham. Avalizaram o contrato de locação, ajudaram com os papéis.

Depois da viagem, as posses dos Naffah eram minguadas. Alugaram uma esquina em frente à igreja. Não era o bairro nobre, mas era bom.

Na frente tinha um salão comercial, no fundo uma residência com um quintal, árvores, galinheiro e tudo mais. Era de um patrício que voltara para sua terra. Um achado.

A língua era um problema, todos aprendiam, se esforçavam. A prima, para ajudar, mandou para morar com eles Carolina. Ela era brasileira, filha de uma comadre. A menina ficou órfã e fora recolhida ainda nos tempos de fartura, agora estava difícil de manter.

Carolina foi uma benção, era diligente, inteligente, convivera com os pais, falava a bem língua, não tinha preguiça de ajudar. Tinha a mesma idade de Samirinha, ficaram amigas na hora. Finalmente, ela tinha de novo uma família.

No começo, foi tudo muito difícil, Samira controlava cada centavo. Quando o dinheiro estava acabando, finalmente as coisas começaram a melhorar.

O comércio recebeu o pomposo nome de “Estrela do Oriente”. Eles não sabiam bem o que vender, compraram um pouco de tudo.

Com o tempo, foram atendendo às necessidades do bairro, descobriram que o fiado era o principal. Incrível, gente muito boa, mas viviam no limite. Os Naffah achavam que não tinham nada. Surpreenderam-se com aquele povo, que, na metade do mês, não tinham mais nem para comer. Recebiam, gastavam tudo, voltavam para o fiado.

Samira, recheando os quibes, pensava: – Eu tenho fé, confio no bom Deus, mas este povo se entrega completamente em suas mãos.

Samira era boa em tudo que fazia. Na cozinha ela era imbatível. Seus quitutes eram o sucesso do estabelecimento. Inacreditável que uma mulher criada no conforto saiba estas coisas. Todos trabalhavam, Jorge passava horas e horas naquela loja. As meninas ajudavam na cozinha, Samirinha gostava de cuidar das galinhas.

Observadora, a boa cozinheira notou que deveria diminuir o Zathar, o pessoal não estava acostumado. Aprendeu as receitas da terra, logo a coxinha da “Estrela do Oriente” era a melhor da cidade. Ficava encantada com a fartura, principalmente de carne de vaca.

Também não entendia como as mulheres pagavam por comida pronta, se os ingredientes eram tão mais baratos. Não discutia, tinha uma família para sustentar, filhos para criar. Foi aumentando os preços devagarinho.

As meninas foram juntas para a escola. Carol ajudava Samirinha com a linguagem. Samirinha retribuía com aritmética, tinha um talento natural para as contas.

As meninas, mais Eli, o menorzinho, estudavam na loja. De tarde, era meio parado. Jorge – à espera dos clientes – passava horas ensinando o complicado alfabeto árabe para os filhos.

Contava a história do seu povo, as lendas. Ele era um homem muito bem educado. Fraco para os negócios, mas educado. Contava como a sua família era importante, seus títulos, sua riqueza.

Sonhava um dia poder pagar as dívidas e voltarem todos para Damasco.

De qualquer maneira, a mãe de Jorge acertara em cheio.

Os Naffah começaram quase do zero, levavam uma vida muito mais simples do que estavam acostumados, mas tinham esperança, estavam melhor.

A natureza bonachona de Jorge, controlada pela segurança de Samira, fazia sucesso. Ele era simpático com a clientela, sabia escutar, era bondoso.

Samira também conquistou seu espaço, logo que dominou a língua, suas vizinhas descobriram nela uma mulher forte, justa e sábia, corriam para ela.

– Dona Samira! Pelo amor de Deus, meu filho está ardendo em febre.

Ela dava purgante, fazia chás, dava segurança para a mãe aflita.

O padre, alemão, gostava de passar de tarde, tirar um dedo de prosa com Jorge, tomar uma cachacinha gelada.

Com o tempo acabou convencendo Jorge que Deus era o mesmo em qualquer lugar e que mal não faria levar a família à missa aos domingos.

Samira sentia-se responsável. Logo de início, tinha procurado os patrícios, queria saber onde faziam suas orações. Notou primeiro que sua situação difícil – quase quebrados – não era um passaporte na comunidade árabe.

Na verdade, descobriu que nem tinham uma comunidade. O grosso da imigração árabe acontecera há muito tempo. Os patrícios tinham se casado com italianos, misturando-se. Esta terra os recebera de coração aberto, tinham se tornado brasileiros. Concordou com o marido, pareceriam menos esquisitos se fossem à missa.

A família toda vestia sua roupa de domingo e iam à missa das oito. Quando acabava a missa das dez, a “Estrela do Oriente” estava aberta e era o point. Muitos paravam para tomar um guaraná, comer um salgadinho. Quem comungou, ainda não tinha comido nada, estava com fome.

Naquele ano, o carneiro recheado da Dona Samira foi a prenda mais valorizada da quermesse. Um sucesso absoluto.

Os anos foram passando.

Para Samirinha, passou mais rápido. Aquela menina – magrinha, assustada – cresceu. Tinha os cabelos compridos, sedosos, encaracolados. Eram castanhos e incríveis. De longe, pareciam emaranhados; de perto eram brilhantes, cheirosos e macios. Muito macios. Seus amigos gostavam de apertar os cachos, com cuidado, devagarinho.

Os Naffah compraram o imóvel, construíram mais um andar, ficou bonito. Tinha um grande terraço com vista para o largo da igreja. Claro que sempre existem altos e baixos, dificuldades. De qualquer forma, progrediram.

Samirinha, ainda novinha, já respeitava a lei universal das mulheres, a das escolhas insensatas, a opção pelo “mala”.

Não gostava de ver sua mãe descuidada, trabalhando de sol a sol. Admirava e amava seu pai mais do que tudo no mundo, achava que ele era elegante. A mãe era muito sábia para deixar-se abater por isto, continuava cuidando da filha com desvelo e muita atenção.

As meninas

Se aos costumes locais Samira se entregara, isto de forma nenhuma se aplicava às suas filhas, ali era jogo duro. Não tinha chance, as meninas estavam sob controle o tempo todo.

Quando completaram quinze anos, o colunista social da cidade procurou o casal Naffah.

– Meus queridos, minha festa de debutantes não pode acontecer sem suas filhas. Elas são as moças mais bonitas de Tupã.

– É mesmo? Que maravilha! – exclama Jorge.

Samira, que não gostava muito do tipo, acrescenta diplomaticamente.

– Admiramos muito seu trabalho, mas temo que esteja acima de nossas posses. O senhor entende, não é mesmo?

– De maneira nenhuma, minha senhora. Não cobramos nada por isto, é tudo pela festa, as meninas iriam enfeitá-la.

– Viu, Samira? – anima-se Jorge.

Samira, que não se deixa levar fácil, retruca.

– Mas certamente haverá despesas, quais seriam?

– Coisa mínima. Naturalmente, as meninas deverão ser fotografadas pelo nosso estúdio, as fotos precisam sair no jornal. Teríamos então uma pequena despesa com as fotos, os clichês, vocês entendem, claro.

A sábia senhora sente o cheiro de uma armação de longe. Fecha o assunto.

– Aceita mais um quibe? Um pouquinho de coalhada seca? Não? Está bem. Vamos conversar e telefonamos para o senhor se as meninas se interessarem. Vou embrulhar uns docinhos de massa folhada com mel, sei que sua mãe adora. Você vai levar para ela. Muito obrigado pela nota na semana passada, é muito importante para nós. Não nos esqueça. Venha sempre nos visitar, semana que vem faremos aquela esfirra de coalhada e chicória que você gosta, venha comer, é nosso convidado.

Quando ele sai, fala para o marido.

– Jorginho, pelo amor de Deus, já teremos problemas demais com estas meninas dentro de casa, imagine numa vitrine!

Jorge – como tem feito nos últimos anos – se cala, mas se entristece. Nos bons tempos, Samirinha seria a debutante mais bonita e melhor vestida do clube mais elegante de Damasco, e ele ali vendendo quibes – Hara!

Carol ficou um pouco sentida, loira e linda, já se via naquele vestido branco, recebida por um artista da televisão, dançando com um dos príncipes.

Samirinha não deu a mínima. Ficou chateada com a frustração do seu pai. Sua mãe não deixava ele fazer nada do que ele queria.

O tempo foi passando, as duas meninas eram cada vez mais diferentes, Carol ganhou formas arredondadas, foi ficando coquete, os rapazes alucinavam por ela, gostava de vestidos, maquiagem, horas no espelho se arrumando.

Samirinha também ganhou formas. Era alta, magra, seios pequenos. Aqueles cabelos encaracolados e brilhantes. Ela os prendia dos lados, acima das orelhas, para não atrapalhar, caíam até quase à cintura. Tinha uma pintinha no canto direito da boca. A pinta escurecia quando ela estava brava. Estava sempre com uma camisa branca e umas saias compridas de estampas orientais.

Carol apaixonou-se perdidamente. Ali não tinha chance, só casando, e foi o que aconteceu.

Dona Samira remoía, era contra, muito cedo. Não teve jeito. O rapaz também estava apaixonado, era boa gente, família boa. A madrinha fazia gosto. No fim, quer saber? – era melhor mesmo, aquela loira não ia durar muito solta no meio daquela alcateia.

O padre alemão adorava aquelas meninas, mandou estender o tapete vermelho da igreja até à porta da casa dos Naffah.

Até hoje, quem vai a Tupã é apresentado ao casal, ele fazendeiro, ela linda e educadíssima. Depois, tem que escutar dos filhos e do casamento. Da noiva, que foi a mais linda de todos os

tempos, e dos pratos maravilhosos que foram servidos. De como a festa entrou madrugada a dentro, naquela noite de lua cheia que brilhava sobre o terraço dos Naffah.

Foi a primeira extravagância em anos, mas o casamento de uma filha para um árabe é muito importante.

Samirinha foi estudar ciências da computação em Marília.

Marília

Samirinha foi morar na casa de uma família de árabes, amigos da prima da mãe de Jorge.

Era uma família grande. Também tinha conhecido dias melhores, mas viviam bem.

Os jovens, entre os quais Samira logo foi incluída, ficavam por conta da tia Nádia. Ela não teve filhos, cuidava de todo mundo.

A rédea continuou curta como sempre, mas era diferente. tia Nádia era rigorosa, mas não era sua mãe. Podiam conversar. Nádia recebera uma educação esmerada, além do árabe e do português, falava e escrevia francês e inglês.

Logo no primeiro ano, Samira ficou amiga do Giardini. Era o único, além dela, que estava interessado nas aulas. Tirando uma japonesa de Jales que também era amiga deles, o resto da turma não tinha noção do que se passava.

Giardini tinha sobrenome italiano, mas lembrava um árabe, entradas precoces, cabelo encaracolado e uma barbinha meio rala. Gordinho. Não balofo, gordinho.

– Tia Nádia, pelo amor de Deus, vou explodir, ninguém faz charutinhas melhor do que a senhora. Olhe que minhas tias são do ramo. Se escutam isto, estou morto.

E dá-lhe mais dois e mais dois.

– Tia Nádia! Mudou o cabelo, não pensa que me engana. Namorado novo! Tenho certeza.

A velha senhora se derretia, este menino tinha uma fala macia. Como tinha. Teve mãe, teve carinho, é assim se fazem estas pessoas.

Estavam sempre juntos, Samira, Giardini, a japonesa ficava na dela.

Ninguém sabia se eram namorados ou o quê.

Samira estava mesmo é numa outra dimensão.

Ela era uma árabe, queria tirar seu pai daquela situação difícil.

Tia Nádia gostava do Giardini, segurava a barra de Samirinha. Era apaixonada pela garota. Deus lhe negara filhos – justo para ela! Com tanto para ensinar. Seus sobrinhos eram uns néscios, perda de tempo. Uns Tchalias!

Nádia chamava Samira para ajudá-la quando preparava os pratos requintados que vez por outra gostava de fazer. Cozinha francesa.

Entusiasmou a menina a estudar francês e melhorar o inglês do colegial, pagava as aulas, encantava-se com os progressos da pupila.

Samira primeiro ensinou Nádia a jogar paciência no computador. Depois a ler o jornal, ver as notícias. Configurou um e-mail, uma página num site de relacionamentos. Nádia adorou aquilo tudo. Logo, tinha seu computador. Samirinha é que arrumava tudo, claro, mas a senhora sentia-se o máximo, de repente, Marília era o mundo inteiro aos seus pés, esnobava as amigas.

Em Marília, ela era Samira – Dona Samira, sua mãe, ficara em Tupã. Cresceu. Sofisticou-se. O mundo era pequeno para ela.

O primo

Os árabes são sempre muito inteligentes, mas com esta mania de se casarem entre primos – para não dividir o dinheiro –, às vezes ficam meio pancada, escapam a quarta. Vão fazendo tudo certinho, de repente enviesam para um lado, nada a ver.

Jorge estava lá. Aceitara o conselho da mãe. Deu tudo certo. Quer dizer, mais ou menos, sua mulher voltou à escravidão, trabalhava de sol a sol para sustentá-los. Sua filha, estudando computadores, namorando um barbudinho sem futuro...

Graças a Deus, Carolzinha, que tinha juízo, estava bem casada, já tinha filhos, tudo bem.

Sua Samira – que trabalhara sempre como um mouro – estava ficando cansada, não tinha mais a mesma paciência com as vizinhas, deixava tudo na mão de Eli, o garoto era bom, mas enfim.

Dona Samira controlava tudo, ela era ótima no varejo, mas no atacado as coisas estavam paradas. Não iriam muito longe. Estavam só engordando.

Neste clima, recebem Omar.

Que elegância! Aquilo era ser um árabe, requinte, maneiras, presentes, dinheiro.

O primo, com vários compromissos no país, passava por Tupã.

Lá estava ele. Preparado para o pior. Dias naquele inferno tropical, parentes caipiras, aquele monte de comida. Ninguém merece.

Quebrou a cara, os primos eram ótimos, não poderia ter sido melhor recebido em lugar nenhum do mundo.

O terraço dos Naffah era muito agradável.

Sete de setembro, feriado nacional. Juntou com o final de semana, Samirinha veio ver os pais, Carol trocou os sogros pelos pais adotivos, trouxe o marido e os filhos. Que dia feliz.

Elizinho tinha já uma namorada, era a sensação da noite. Para um pai árabe, o filho com uma garota era a glória, um alívio.

Samirinha tinha inaugurado uma nova relação com sua mãe. Não era mais uma menina. Respeitava Dona Samira, aquilo era uma instituição, mas ela também tinha umas novidades.

Deu uns palpites no jantar, ajudou como quem sabe das coisas, mais sofisticada, segura.

Encantou o primo, falou árabe, francês, imitou Sherazade nas “Mil e uma noites”.

A cabeça da mãe, a mil. – Cachorra! Esta menina transou. E gostou!!! – vou matar a Nádia.

A proposta

O tempo passou. Um belo dia, o primo aparece de volta, assim, do nada.

– Brimo! Brecisamos conversar. Assunto muito imbordante.

– Diga lá, primo – responde Jorge.

– Voltei para Damasco com uma ideia na cabeça, não conseguia parar de pensar nisto. Sua filha é uma princesa, brecisamos de casar ela com um bríncipepe.

Jorge parecia ter acordado de um sonho, tantos anos nesta terra, esquecer-se dos antigos costumes. Claro, o casamento de Samirinha. Tinham que pensar nisto, já tinha passado da hora, na verdade. Dona Samira escuta de longe e franze a sobancelha.

– Já está tudo acertado, Jorge. Você será dispensado do dote e ainda conhecerá a gratidão de seu futuro genro, um homem rico e poderoso, muito poderoso.

– Mas conta, primo. Quem é este homem?

– Confie em mim, Alá vai abençoá-lo, por toda a eternidade, seus netos serão idolatrados.

A oferta era muito generosa, muito mais do que poderiam esperar, vinha de um parente próximo. Pediram uns dias para pensar.

O mundo revirou-se na casa dos Naffah.

Os casamentos, para eles, eram assim mesmo, sempre fora. A possibilidade de pagar suas dívidas, voltarem ao que eram. A filha casada com um príncipe. Aquilo entrou na cabeça de Jorge e transformou-se em ideia fixa. Não tinha outro assunto.

Dona Samira ficou dividida.

Estivessem ainda morando em Damasco, aquilo seria natural. Fora assim com ela, com sua mãe, com todas as mulheres de sua família.

Ela mesma não tirara a sorte grande, mas enfim, seu casamento deu certo. Sua sogra tinha acertado. Dona Samira sabia que era uma mulher forte, dificilmente teria suportado um homem mandão. A natureza bonachona de Jorge servira como uma luva, era um companheiro, respeitava seu ponto de vista, tiveram filhos maravilhosos. Que mais poderiam esperar? A filha mais velha casada com um príncipe. Rico, poderoso, muito poderoso, dissera o Primo.

Samirinha também não era fácil, além da personalidade forte, precisava de espaço para crescer, não ia realizar-se em casa cuidando do marido e dos filhos. A filha precisava de aventura. Pois estava aí. Casar-se com um príncipe árabe.

De mais a mais, se não tomassem uma providência, logo ela ia acabar ficando com a aquele barbudinho mixuruca.

Samirinha já tinha todos os créditos para receber o diploma. Voltou para casa antes do final do ano.

Estava triste por causa de Giardini, o amigo também já cumprira seus créditos, disse que ia entregar o diploma na mão do pai e começar uma nova faculdade em São Paulo. Antropologia, sua verdadeira paixão. Tinha arrumado um emprego à noite, no centro de processamento de um banco. Já estava estudando para o vestibular.

Ela, agora, tinha um problema. Na melhor das hipóteses, seus pais iriam deixá-la mais algum tempo com tia Nádia para continuar estudando mais um pouco, não seria fácil. Jorge contava os dias para a formatura da filha. Queria ela de volta.

Foi neste clima que Samirinha ficou sabendo da novidade.

O Contrato

Samirinha conhecia seu povo, suas tradições. Só mesmo pela personalidade forte e liberal de sua mãe, ainda não estava casada com um primo, e, agora, esta história do casamento.

Seu querido pai. Enlouquecido com a ideia.
Sua mãe. Tinha lavado as mãos.
Sua irmã estava casada, filhos, tinha sua família.
Giardini. Na dele, antropologia. Em São Paulo!
Sua vez. Uma hora ia chegar mesmo.
Que venha o príncipe!

Quando o primo voltou com o contrato, claro, tinha um monte de letras miúdas. As vantagens para os Naffah estavam até melhores, mas Samirinha ficaria praticamente incomunicável nos próximos anos. Teriam notícias uns dos outros, mas o sigilo era indispensável. Para própria segurança de todos. O príncipe era muito rico.

Abriram uma conta para Samira, num banco esquisito de São Paulo, colocaram um bom dinheiro, deram-lhe um cartão para as despesas imediatas. Ela gostava de computadores, o primo lhe trouxe um laptop novinho, do melhor.

Nada disso animou Samira. Estava mesmo muito decepcionada com todos. Entendia suas razões, mas, até o último minuto, esperou que alguém tomasse uma atitude.

Nada, ninguém teve coragem de dizer que aquilo era um absurdo, que ela era mais importante para eles. Nada.

Impressionante como o grupo se perfila ao lado do que parece correto. Cada um tem medo de se queimar. "Imagina, falo mal deste casamento, dá certo, serei execrado". Nenhum olhar para a pobre Samirinha, embrulhada para presente.

Ela até pensava, alguns anos sem contato, seria um alívio.

E lá se foi Samirinha rumo ao seu destino.

Jorge ficou a contar seus treze dinheiros.

Dona Samira arrependeu-se de sua omissão, nunca mais recuperou sua alegria de viver.

Carol tinha seguido seu destino.

Eli espalhou-se pela casa.

Abbottabad

– Abbot...seiláoque bad, que nome, só pode ser coisa ruim, bad.

O humor de Samira estava péssimo, nem chegara ao deserto e já praguejava como um condutor de camelos.

O primo a acompanhara até Islamabad. Ele recebeu sua parte no trato e não podia mais acompanhá-la. Questões de segurança.

Quer saber? – pensava Samira – este cara é um artista, levou até Dona Samira – aquele monumento de sabedoria – no bico, recebeu o dele e partiu. Tenho mais é que aprender com ele. Ideia, objetivo e classe.

Ninguém se apresentou, Samira seguia quieta, sentada no banco de trás. O irmão mais novo dirigia a perua, o mais velho parecia mudo. Seguiam pela estrada poeirenta.

Samira fecha os olhos, toda a aquela luta, aquela união para isto. Para todos, a glória. Para ela, um vazio enorme. Procura se distrair.

A viagem com o primo foi agradável, ele era mesmo muito polido. Esta etapa de perua já não estava bem como ela tinha planejado, mas enfim. Costumes.

Fecha os olhos e imagina a perua chegando num castelo enorme! Pare, este castelo é o da Bela Adormecida. Ok, de novo. Um grande acampamento com tendas enormes, tapetes maravilhosos, archotes de fogo. Melhorou. Ela é recebida por escravas Núbias. Pare de novo, não existem mais escravas Núbias. Por senhoras árabes encarregadas de banhá-la em leite de cabra. Credo, pare de novo, que nojo. Um banho de sais e óleos que perfumarão sua pele. Será que tem condicionador? Seu cabelo não passa sem. Depois a vestirão, colocarão flores em seus cabelos e a levarão para conhecer o príncipe. Nada mal! Valeu, seu Jorge. Que viagem! Estamos no século vinte e um, claro que vamos para um

hotel cinco estrelas onde o príncipe tem uma suíte. Ele deve ter as mulheres dele, uma secretária que cuida de tudo. Também não. Deve ser um destes condomínios que a gente vê na internet, com lago artificial. Sei lá.

Estão entrando na cidade, Samira acorda de seus pensamentos e olha as colinas surpreendentemente verdes e sorri, parece Marília. Quando chegam mais perto, que Marília, que nada. Uma cidade mixuruca, nenhum prédio, cadê o hotel cinco estrelas, cadê o condomínio?

Passam direto pela cidade, param para comprar pão. Comprar pão? Ela, uma princesa? É, comprar pão.

O irmão mudo, que depois ela descobriria que se chama Arshad, desce. Ela e o outro irmão, Tariq, esperam no carro.

Seguem mais um pouco, passam por casas simples na periferia. Param em frente a um muro alto, uma casa grande, que mais parecia uma prisão. Homens armados com metralhadoras abrem o portão e deixam a perua entrar.

Param no meio de um corredor fechado, mais metralhadoras, entram num pátio, galinhas, cabras, uma bagunça.

Meu Deus do céu! – pensa Samira – fui raptada por mercadores de escravas. O que você fez comigo, meu pai?

Entram na casa, Samira é recebida por uma mulher e uma menininha, cinco, seis anos, que limpa o nariz escorrendo na saia da mãe e olha curiosa para os cabelos da recém-chegada.

Mostram o quarto onde ela deverá ficar e a deixam para que se ajeite, mais tarde voltariam para buscá-la.

Samira ainda não se recuperou do susto. Meu Deus, meu Deus! O que aconteceu comigo? As janelas têm grades. Lá fora, está escurecendo, as luzes começam a acender. Faz frio.

Procura recompor-se, não há o que fazer. Não dá para imaginar o que vai lhe acontecer. Tenta confortar-se, afinal foi um primo, um parente indicado por sua vó, que intermediou a combinação. O negócio, melhor dizendo. Não pode ser tão ruim.

Passa um tempo que parece enorme, trazem-lhe uma bandeja com uma refeição simples. Um copo d'água, pão, azeitonas, coalhada seca, berinjela com óleo de gergelim. Nada que não conhecesse. Não era a mão santa de Dona Samira, mas dava para comer. Para ela, a hora do almoço já tinha passado, eram oito horas de diferença no fuso horário.

Era tudo muito estranho, não a tratavam bem. Um hóspede numa casa árabe era um rei, era assim que tinha aprendido. Também não a maltratavam, era aquela tensão constante que a assustava.

Mais tarde, vieram buscar os pratos e lhe disseram para dormir, amanhã falariam com ela.

Falariam! Quem?

Samira era muito inteligente, viva, sua cabeça era treinada para pensar, horas jogando gamão com o pai na loja, a escola, a faculdade, os computadores.

Árabes não perdoam gente lenta.

Yalah – rápido –, menina.

Tchala! Não, não era boba.

Abre sua mala, liga seu laptop.

Nada, nenhuma rede ao alcance.

Não é possível! Em Tupã, haveria quatro ou cinco, aqui nada. Olha para as paredes, uma tomada, um interruptor, mais nada. Nem um mísero ponto de telefone.

Coloca o computador de lado e passa a mãos pelo rosto. O que fazer?

O computador entra no modo salva tela, aparecem as fotos. Ela, sorrindo, os sobrinhos, tia Nádia.

Fecha o laptop e desaba em prantos.

Chora, chora, não consegue dormir. O fuso.

Quando finalmente dorme, é acordada.

Já é dia.

Sempre pode piorar

Sempre aquele afobamento, aquela tensão. Pedem para que Samira arrume-se rapidamente, Yalah!

Lava o rosto, arruma-se um pouco. Elas a revistam de novo, é levada pelos corredores, entra no quarto. Tem uma cama, recostado sobre vários travesseiros, está lá. Bin Laden!

Samira tem um riso. Isso, um sorriso de nervoso, ela é assim. Caralho!

Bin Laden também fica sem jeito, sorri.

A cabeça de Samira roda, quase cai, meu Deus do céu, que porra é essa?

Com um gesto, Bin pede que saiam, quer ficar a sós com Samira.

– Samira! – ele começa, ela mal reconhece seu nome na boca daquele homem.

– Desculpe – ele continua. – Não pude recebê-la ontem como deveria. Minhas dores me matavam. Estou medicado, mas ainda não estou bem.

Samira ainda está atônita.

Ele continua com aquela fala pausada, olhando nos seus olhos com aquela barba comprida e aquele olhar messiânico. De peixe morto, na verdade.

– Minha vida tem sido uma luta permanente, sempre fugindo, sempre me escondendo, estes últimos cinco anos, você deve imaginar, foram os piores. Passei tempo demais nas cavernas, sinto dores horríveis em todo o corpo.

Bin percebe que a jovem não está entendendo nada, continua falando.

– Sente-se, por favor. Sei que é difícil para quem mora no ocidente entender a nossa causa. Disseram-me ter ouvido você falar com simpatia sobre nosso povo. Sei que você nasceu em Damasco.

– Simpatia... Mas três mil pessoas mortas...

– Eu sei, eu sei, leva um tempo para entender, espero que você não se feche completamente para nossos ideais, nosso Deus.

Você já deve ter percebido que não estou em condições de assumir uma nova esposa, principalmente linda e jovem como você. Não que eu não tenha recursos, me falta é saúde.

Meu Deus, o que será de mim? – pensa Samira.

– Você conhece nossos costumes, um homem pode ter tantas esposas quantas puder sustentar com dignidade. Não é como imaginam, o homem só dorme com sua preferida, as outras, já fizeram seu papel de mãe, tornam-se sábias conselheiras e ajudam a cuidar da família. Agora, minha mulher é Amal, a quinta. Ela deve ter lhe recebido.

– Mas...

– Precisávamos de um motivo para trazê-la, todas as nossas promessas serão mantidas, mas precisamos de você para uma missão muito importante. Para todos os efeitos, você é minha prometida, todos a tratarão com o respeito que merece. Somente Amal, o Doutor e eu sabemos toda a verdade. Estes dois já me deram provas de absoluta lealdade e acredito que ainda farão mais. Espero que você conserve este segredo pela sua própria segurança. De qualquer maneira, não espere muita simpatia de Amal, ela está segura de sua posição, mas você sabe como são as mulheres. Por favor, sinta-se em casa, nossa vida é modesta porque o importante é nossa luta. Hoje, não posso continuar, qualquer esforço piora meu estado, amanhã conversaremos mais, desculpe.

O homem fecha os olhos e suspira.

Samira sai do quarto.

O Plano

Nos dias seguintes, Amal explica a Samira o que esperam dela.

A situação estava ficando insustentável. Com vinte e cinco milhões de dólares de prêmio pela cabeça do marido, o mundo era cada vez menor.

O Doutor achava que a única rota de fuga possível era o Brasil, especialmente o interior de São Paulo.

Estavam em pleno desenvolvimento, a chegada de um grupo de imigrantes não despertaria muita atenção.

Estavam acostumados com árabes, faziam parte do povo, a imigração e miscigenação tinham sido importantes.

Paradoxalmente, era o único lugar do mundo onde excelência e deslavada corrupção podiam conviver.

Não faltavam hospitais e médicos, Bin precisava ser tratado e depois passar por uma cirurgia plástica importante. Ele ainda se recusava a aceitar a ideia de mudar de rosto, gostava de sua imagem, mas era a única saída. Passava horas olhando vídeos de sua própria imagem, parece que queria guardar na memória como tinha sido.

Samira tinha tudo de que precisavam. Um passaporte brasileiro, um nome honrado, uma conta bancária e era perita em computadores, internet, estas coisas.

Começariam com remessas modestas de fundos para a conta de Samira; aos poucos, comprariam algumas propriedades. Enfim, preparariam o terreno para a mudança.

A maior parte disso deveria ser feita por Samira, via internet. Os irmãos mensageiros eram de toda a confiança. Agora, fora armas, seus conhecimentos eram poucos.

Uma vida nova

Samira não era mulher de se abater, refletiu muito sobre sua situação.

O plano deles era mesmo simples. Quanto a ela, logo percebeu que se tornaria a chave do cofre e que seria vigiada de perto, muito perto.

Foram muito cuidadosos na colocação, esperavam que um dia ela entendesse realmente o que era o Girad, que fizesse aquilo tudo pela fé em Deus. Mas Samira sabia que, na menor indiscrição de sua parte, ela e todos os Naffah passariam para a história como mais alguns mártires da Guerra Santa.

Para quem tinha derrubado as Torres Gêmeas e um pedaço do Pentágono, isto seria brincadeira de criança, não tinha dúvida.

Também não conseguia imaginar o que seria dela quando conseguissem o que queriam. Estes malucos nem pareciam se preocupar com isto. Tinham toda a confiança que ela, em breve, estaria totalmente engajada à guerra santa, seria um deles. Ela sabia que isto não ia acontecer e que estaria em grande risco.

Paulatinamente, disseram, para não levantar suspeitas, ela tinha algum tempo. Por outro lado, a saúde de Bin estava cada vez pior, teriam que mudar logo. Ai, meu Deus.

Samira conformou-se, pelo menos temporariamente, com sua sina, era fazer o que queriam. Manter-se viva. Depois de três mil inocentes, uma a mais, uma a menos não deveria fazer muita diferença para eles.

Por razões de segurança, a única comunicação da casa com o exterior eram as saídas dos irmãos para as compras. Não tinham telefone, televisão e muito menos internet.

No mundo de hoje – pensava Samira. Será que isto não acabaria levantando suspeitas? Uma casa daquele tamanho, sem telefone?

Todos os dias, Samira, vigiada de perto por Amal e pelos irmãos, juntos saíam na perua. Enquanto Arshad fazia as compras, os outros ficavam no carro, protegidos pelos vidros escuros.

Samira então procurava uma rede de internet que pudesse invadir e começava a navegar. Mudavam de posição e de rede para não levantarem suspeitas.

Aquilo demorava um pouco, Amal rezava, Tariq sempre parecia estar em outro mundo. Samira usava todos os recursos no laptop para baixar vários arquivos ao mesmo tempo e gravá-los. Mais tarde, iria trabalhar com eles. Recebeu as senhas de algumas contas da organização e começou a fazer as transferências. No começo, elas eram monitoradas pelo Doutor, distante dali, ele acompanhava tudo pela rede.

Depois de algum tempo, Samira integrou-se àquela estranha comunidade. Eram todos muito reservados e cuidadosos, seguiam suas vidas.

Era de impressionar a fé daquelas pessoas, viviam com uma espada sobre suas cabeças. Não fazia a menor diferença, não perdiam uma noite de sono, encaravam cada dia como uma benção.

Não queriam estar em outro lugar, nada mais do que aquela vida simples. As mulheres cuidavam da casa.

Para mostrar-se útil, ela se ofereceu para cuidar das galinhas, gostava disto desde criança. Também mostrou seus dotes na cozinha, seu frango refogado, bem corado, com molho grosso de cebola e alho, fez sucesso. Ela aprendeu a comer com as mãos.

E o tempo foi passando.

A doença

Bin só piorava!

Os recursos eram limitados, tinham tentado tudo que era possível, amostras foram mandadas para exame. Não achavam nada, não era reumatismo, artrose, artrite, gota, nada. Nenhuma bactéria, nenhum traço de vírus.

As dores pioravam a cada dia.

Samira estava cada vez com mais medo. Medo de mudarem de repente e ela sobrar, medo que ele morresse de repente, o que seria dela então?

Passava cada vez mais do seu precioso tempo na net, visitando sites sobre saúde e avanços na medicina. Não podia ser uma doença comum ou já teriam encontrado. Começou a procurar terapias alternativas.

Encontrou várias referências, algumas em sites aparentemente confiáveis, ligando o problema de dores musculares a infestações por fungos.

Tinha tudo a ver. Anos nas cavernas escuras e úmidas. Alimentação deficiente, pouca proteína, queda de resistência.

Aprofundou-se neste assunto. Era novidade, a comunidade médica estava cética, mas existiam vários testemunhos a favor.

Aparentemente, as colônias de fungos aderidas às paredes do intestino acabavam deixando a parede permeável. Toxinas escapavam do trato intestinal e iam depositar-se no tecido muscular, causando as dores.

Mesmo que a explicação não fosse esta, valia a pena uma tentativa.

Falou com Amal, que lhe contou:

– Pode ser, quando Bin ainda estava nas cavernas, teve coceiras e tomou antimicótico. As dores realmente diminuíram. Depois de algum tempo, o remédio começou a fazer mais mal do que bem, intoxicou o paciente.

Era um sinal muito bom, continuou procurando.

A dieta era relativamente simples e sem risco. Eliminar tudo que fermentasse com facilidade, nutrisse os fungos, como açúcar, farinha, leite. Matar os fungos de fome.

Sobravam para comer as proteínas e as verduras, além dos curativos, alho, gengibre e óleo de coco.

Ela tinha que convencer seu paciente. Achava difícil dizer para aquele nobre guerreiro que ele simplesmente estava enfestado de fungos.

Começou comparando o corpo humano com um campo de batalha, isto chamou a atenção do árabe.

– Neste campo, a batalha nunca cessa – dizia ela. – A cada novo dia, os microrganismos do bem combatem os do mal e vice-versa. Quando estamos felizes, fazemos as coisas certas, os bons começam a ganhar, ficamos saudáveis; do contrário, ficamos doentes.

Bin achou que aquela metáfora também tinha algo a ver com a sua própria luta, mas se sentia muito mal, estava pronto para experimentar qualquer coisa, tamanha sua dor.

Como previsto nas prescrições, logo no começo do tratamento, os sintomas pioraram, era a revolta dos fungos, depois foram paulatinamente se abrandando.

Todos ficaram muito gratos à Samira, até mesmo Bin, muito reservado, chamava a jovem. Gostava das histórias que ela sabia contar do Brasil, das pessoas, as anedotas.

Os planos da viagem para o Brasil arrefeceram-se, a urgência diminuiu, estavam se acostumando com aquela aparente segurança.

A vida seguia seu curso, as somas transferidas eram cada vez maiores. Por segurança, passavam o dinheiro, a custódia dos títulos, de um banco para o outro, para dificultarem o rastreamento.

Aproveitando a habilidade de Samira, elaboraram operações cada vez mais complexas.

Samira montou uma grande planilha com aquela movimentação, só assim conseguia acompanhar a cabeça prodigiosa de Bin.

Ele não sabia dos quebrados, mas tinha o grosso de cada operação rigorosamente guardado em sua cabeça. Nenhuma anotação.

As únicas distrações de Samira eram Safiyah, filhinha de Amal, e as galinhas.

– Tia Samira, faz em mim um cabelo igual ao seu?

– Claro, meu amor, vem cá com a tia.

Ela então lavava os cabelos da menina, penteava com um pente grosso, prendia dos lados, sobre as orelhas, ficavam até parecidas. Lembrava-se dela mesma pequenininha em Bauru, nos braços de Dona Samira, começava a chorar.

– Que que foi, tia, por que está chorando?

– Nada não, meu anjo, a tia que é boba. Lembrei-me da minha mãe.

Samira pediu autorização para construir uma armação mais alta, dentro do galinheiro. Igual ao da casa de seus pais, o sobradão de Tupã. Achava que as galinhas sentir-se-iam mais seguras dormindo empoleiradas e dariam mais ovos, criariam mais. Árabes não entendem muito de galinhas.

O galinheiro ficava encostado no muro nos fundos da construção. Só tinha uma porta de entrada, era o único lugar que não precisavam ficar vigiando a moça. Dali, ela não tinha para onde ir. Concordaram, lá foi ela com ferramentas e tábuas cuidar de sua empreitada.

As galinhas dormiam sobre um estrado antigo, parecia resto da obra, improvisado para elas. Samira começou limpando e desmontando aquilo.

Eram várias madeiras unidas por uma travessa, tudo pregado, não dava para mover. Começou a tirar os pregos e soltar peça por peça, tempo é que não faltava.

Lá pelo meio da retirada, descobriu que, na laje de piso, havia um buraco. Deve ter sido uma entrada ou saída de materiais, água, não se sabe o quê. Ficou escondido pelo trambolho de madeira, não foi fechado no final da obra.

Com muito cuidado para não chamar a atenção, olhou lá para dentro, dava no canal que passava nos fundos da casa.

Seu coração veio na boca, meu Deus do céu, era uma saída. Agora não adiantava nada, era sair dali, ser recapturada e sabe-se lá o que aconteceria com os seus.

Arrumou as tábuas tapando a saída, deixou duas soltas, o suficiente para que pudesse escapar se houvesse uma oportunidade.

Mais alguns dias, concluiu o poleiro. O conjunto ficou ainda mais pesado do que já era, escondia completamente a saída. Só ela sabia quais as tábuas soltas.

2011

Bin, recuperado, livre das dores, tornou-se outro homem, era um dínamo.

Esqueceu o perigo, só pensava na grande e apoteótica ação para comemorar os dez anos do atentado de onze de setembro.

Samira tornara-se seu braço direito. Depois da cura, confiava totalmente na jovem. Talvez a antiga ideia do casamento pudesse ser retomada.

Ela, por sua vez, sentia-se cada vez mais acuada.

Não podia comunicar-se pela internet, mas lia as notícias internacionais.

Da mesma forma que Bin queria um evento majestoso, os americanos empenhavam todos os seus recursos na captura do líder árabe.

Aquilo uma hora ia acabar acontecendo.

Seu "querido" pai tinha vendido sua filhinha por uma dúzia de camelos, imagine o que não fariam pela recompensa de vinte e cinco milhões de dólares oferecidos pela cabeça do terrorista.

Na verdade, todos sabiam disso, o alerta era total, a guarda foi redobrada, dormiam todos prontos para o pior. Vestidos, armados e alertas. Não seriam capturados, muito menos vivos.

Os planos estavam se concentrando no ataque contra os trens.

O modos operandi era mais ou menos o mesmo, não seria tão espetaculoso como a queda das torres gêmeas, mas poderiam fazer um grande estrago.

Os trens americanos são bastante rápidos e grandes, toda aquela massa, multiplicada pela alta velocidade, resulta num potencial de destruição enorme.

Também são muito seguros, é quase impossível um trem chocar-se de frente com outro, o sistema tem diversas alternativas

para cada erro.

Tudo tinha ficado mais difícil.

– Estes americanos ficaram paranoicos – reclamavam –, é segurança para todo lado!

Pediram a Samira para baixar um vídeo.

Tinha passado na TV. Reconstituíram um grande desastre ocorrido anos antes.

Uma balsa chocara-se com uma ponte, minutos antes da passagem de um trem de alta velocidade.

A ponte tinha sido construída para ser giratória, deixar os barcos passar. O choque da balsa numa das pontas girou a ponte.

O desastre foi monumental. Era isso! No lugar da balsa, homens-bomba.

Samira fazia o que lhe ordenavam, ela lutava por sua vida... Mesmo assim, pensar que pudesse fazer parte de uma atrocidade destas corroía sua alma.

Aquela parecia uma noite como as outras, estavam todos recolhidos para dormir.

Samira acordou com o barulho ainda distante dos helicópteros. No primeiro tiro, levantou de sua cama e começou a correr. Todos corriam sem saber bem o que fazer. Amal vai ao encontro de Bin, sabe que ele é o alvo. Olha por uma janela e vê Samira segurando o xale e correndo para o galinheiro.

– Esta brasileira é maluca – murmura para si mesma –, ainda bem, acho que ela está começando a me ameaçar. Quando souberem que, numa hora destas, foi cuidar das galinhas, será motivo de risadas para todos. Tchala!

Samira, no escuro da noite, no meio da confusão afasta as tábuas, escondidas pela armação que construiu, entra no buraco e sai na vala, fora da casa.

Caminha junto ao pequeno fio de água em direção às árvores. Quando chega ao bosque, o clarão da explosão de um helicóptero

ilumina o céu. Os tiros cortam o ar. Era mesmo um ataque para valer, dificilmente haveria sobreviventes. Corre mais um pouco entre as árvores e chega à rua.

As pessoas estão saindo das casas para ver o que acontece. Junta-se a um grupo que corre para longe do combate, chega à rua principal.

Entra no primeiro ônibus que passa, vai para Islamabad, uma benção.

Enfia uma mão no bolso, acaricia primeiro seu passaporte brasileiro e depois seu cartão de crédito.

Passa a outra mão no pescoço e segue um cordão que prende seu cartão de memória, a planilha com as operações e todas as senhas. Só Bin e ela sabiam daquelas contas.

Aconteça o que acontecer, nos próximos dias, todos estarão muito ocupados se recompondo.

Provavelmente, para todos os efeitos, ela será viúva de um homem muito importante, todo muçulmano deverá zelar por ela.

Samirinha terá tempo para encontrar um lugar seguro e aproveitar o resto da vida como uma mulher livre e rica. Muito rica.

ISBN 978-85-914195-2-4